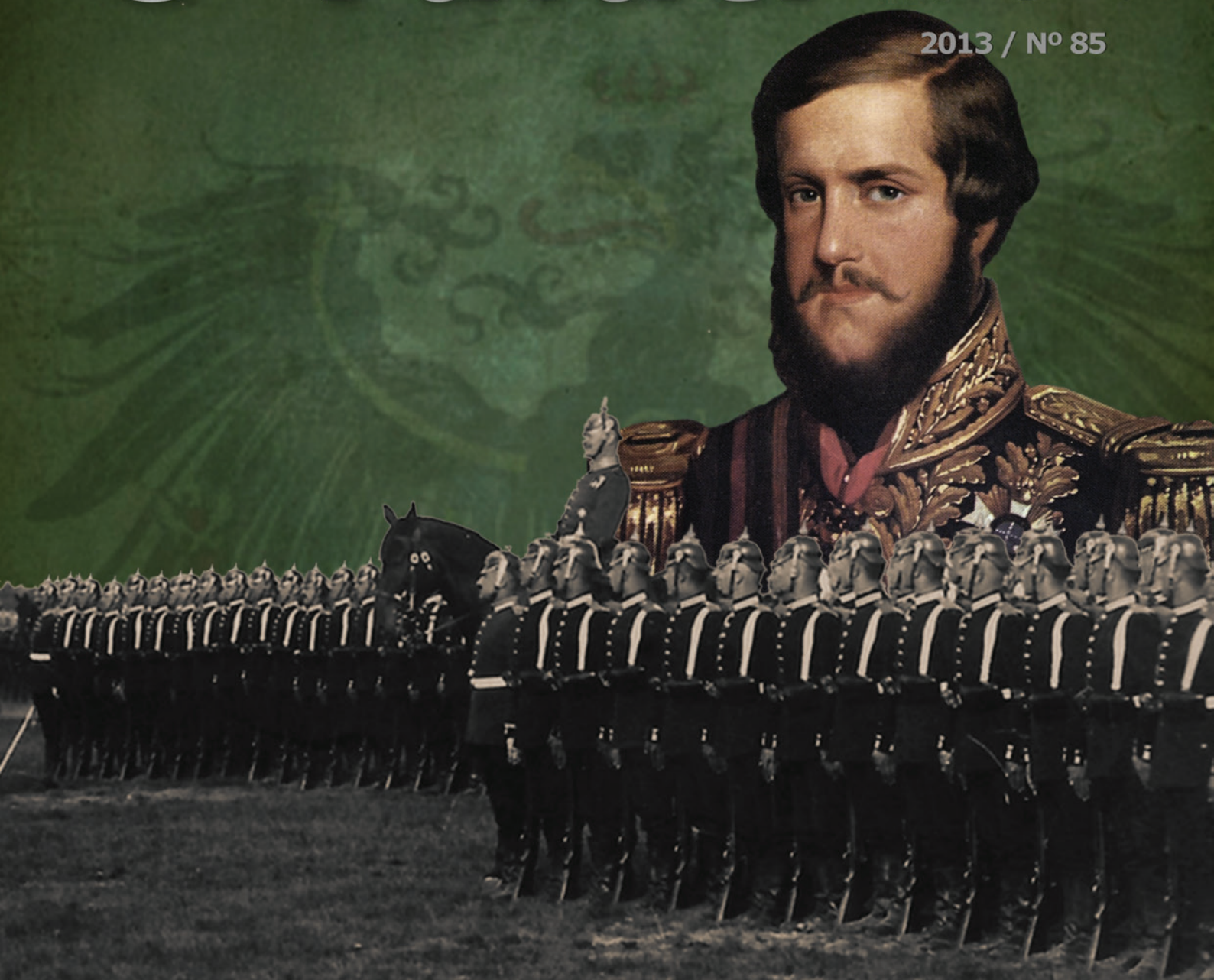


O Tuiuti



2013 / Nº 85



BRUMMER

Primeiros Pontoneiros do Exército Brasileiro



O Tuiuti

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS

lecaminha@gmail.com

Projeto Gráfico:

Fabricio Gustavo Dillenburg - Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis

nucleomilitar@gmail.com

Capa:

Guarda prussiana em revista, Dom Pedro II e águia prussiana, ao fundo.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MILITAR VAE VICTIS

Mais de duas décadas de trabalho voltado para a divulgação da História Militar

O Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem grande orgulho em participar da elaboração do informativo **O Tuiuti**, marco da formação histórica militar brasileira. Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis trabalha tendo em vista a clareza de informação, a amplitude das análises, a relevância do material audiovisual, a atualização das hipóteses e a consistência na argumentação.

Nossa Missão: é levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, preservando documentos e fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade.

Nossa Postura: é independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural, visando fornecer informação e compreensão com acessibilidade.

Para saber mais sobre nosso trabalho visite:

www.nucleomilitar.com / www.nucleomilitarblog.com

BRUMMER¹

Os Primeiros Pontoneiros do Exército Brasileiro

Cel Cláudio Moreira Bento
Historiador Militar e Jornalista,
Presidente da FAHIMTB e AHIMTB/Resende

A Legião Alemã (Os "Brummer") 1851-54

Em 1851, na iminência da guerra contra Oribe e Rosas, o Brasil decidiu contratar na Alemanha tropas mercenárias e adquirir o equipamento respectivo, para empregá-los especificamente na fronteira sul.

Foi encarregado dessa missão o deputado por Pernambuco Sebastião do Rego Barros. Essa autoridade, após algumas gestões, contratou uma Legião Alemã composta de cerca de 1.800 homens, através de agentes alemães, aproveitando em grande número veteranos do Exército do Schleswig-Holstein que haviam sido mobilizados para uma guerra contra a Dinamarca.



Essa Legião era constituída de um Batalhão de Infantaria, um Grupo de Artilharia e duas Companhias de Sapadores, com armamento e equipamento respectivos.

Esses legionários alemães passaram à História do Brasil com o nome de “Brummer” . Em sua grande maioria aqui permaneceram após a guerra, integrando-se na corrente imigratória alemã do Rio Grande do Sul, valorizando-a sobremaneira no aspecto qualitativo. A contribuição militar por eles prestada se constituiu em transferência, ao Exército Brasileiro, de 1851/70, de “know-how” militar prussiano, que foi decisivo no campo militar para a unificação da Alemanha e importante para o Brasil na Guerra do Paraguai.

A história desses valorosos imigrantes alemães poderá ser obtida nas fontes consultadas ao final deste artigo.

O presente trabalho se ocupará somente dos pontoneiros “Brummer”, da equipagem Birago de pontes, por eles trazida da Alemanha, a primeira que o Exército Brasileiro possuiu, e também da tecnologia que os Brummer transferiram para o nosso Exército sobre o assunto, no período de 1851-70, na Escola Militar da Praia Vermelha e na Guerra do Paraguai.

A Travessia de Cursos D'Água no Sul

No Rio Grande do Sul, em 1754, foi usada pela primeira vez uma ponte flutuante de 12 lanchões e, após, 18

lanchões, sobre o rio Pardo, junto da atual cidade de mesmo nome, para permitir a passagem do Exército Demarcador de Gomes Freire de Andrade, rumo ao passo do São Lourenço no rio Jacuí.

Durante os próximos 103 anos, naquela região, somente foram usados meios descontínuos para transpor rios que não oferecessem vau (pelotas, canoas e balsas) para a travessia de pessoal, cargas, carretas desmontadas, e o processo a nado, para o gado vacum e cavalos.

Em 1777, Rego Monteiro registra a ida do General Henrique Böhm, comandante do Exército do Sul, a



Infantaria prussiana em deslocamento
(*Ikongraphische Encyklopaedie der
Wissenschaften und Kuenste*, 1875)

Rio Pardo, onde assistiu um exercício de transposição do rio de mesmo nome pelo Regimento de Dragões local, utilizando pelotas. Estas, feitas de couro de boi, de tipos e capacidades variáveis, foram o meio

descontínuo de travessia mais usado no Rio Grande Sul. Elas emprestaram o nome aos rios afluentes do rio Uruguai e do Canal de São Gonçalo e à cidade de Pelotas, à margem do citado canal.

A principal característica de uma pelota era a facilidade de transporte flutuante desmontada do lombo de um animal-cargueiro, de um local de passagem a outro; comparável isto, hoje, aos modernos botes pneumáticos.

O uso delas pelo Exército de Gomes Freire de Andrade, acima citado, em 1754, no passo de São Lourenço do Jacuí, foi registrado pelo Coronel

Ângelo Blasco em suas célebres cartas panorâmicas, as quais localizei no Arquivo Histórico do Exército quando fui seu Diretor de 1985/90.

Em 1774, na época da invasão do RS pelo espanhol mexicano Vértiz y Salcedo, a história registrou a construção de uma balsa militar sobre o rio Mampituba, sobre a orientação do Major Engenheiro Francisco João Róscio. Ela se destinava a apoiar o deslocamento do Exército do Sul com destino à margem norte do sangradouro da Lagoa dos Patos.

Em 1858, Avé-Lallemant, em sua viagem, registrou a existência uma ponte em Rio Pardo e duas em



Ponte de equipagem Birago de fabricação prussiana. Foi o primeiro modelo a ser adquirido pelo Exército Imperial do Brasil. Duas delas equiparam duas Companhias de Pontoneiros alemães ("Brummer") contratadas pelo Brasil para a Guerra contra Oribe e Rosas 1851-1852. (Ilustração de Carl Röchling, História Universal dos Exércitos v. 3, p. 290)

construção, respectivamente sobre os passos de Vigário e do Jacuí.

Em 1863, sobre o rio dos Sinos, foi construída uma passarela tendo como suportes diversos barcos. A finalidade era permitir a livre passagem de sociedades de cantores. Acreditamos tenha sido técnica de inspiração de algum pontoneiro "Brummer".

Condições de Contrato

Ao final de quatro anos de contrato, cada legionário "Brummer" optaria entre receber um lote de terras de 22,5 braças quadradas ou um prêmio em dinheiro e passagem de volta para a Europa.

Os legionários foram comandados na língua alemã, submetidos ao regime disciplinar prussiano e usaram o uniforme das tropas do Schleswig-Holstein com o gorro de borla ou capacete prussiano.

Efetivos, Oficialidade e Tropa

As duas companhias de pontoneiros eram compostas de 150 homens cada, num total de 300 homens. Foram contratados como oficiais:

- Capitão **Carl Houisner**. Contratado em 22 de abril de 1852 para

comandar as duas companhias como major graduado. Faleceu em Santa Catarina em 24 de maio de 1852, vítima de febre amarela.

- Capitão **Friedrich Pickart**. Contratado em 22 de março de 1851. Demitido em 3 de março de 1852.

- 1º Ten **Wilhelm Anton Malschitzke**. Transferido para a Artilharia. Desertou para o inimigo em Colônia do Sacramento.

- 1º Ten **Hugo von Uckermann**. Demitido em 20 de julho de 1854.

- 1º Ten **Adolf von Reisswitz**. Demitido em 16 de maio de 1856. Radicou-se no Brasil e prestou serviços na Guerra do Paraguai na Artilharia Alemã.

- 1º Ten **Maximiliano Emmerich**. Permaneceu no Exército Brasileiro onde prestaria relevantes serviços, conforme será mostrado.

- Alferes Barão **Carlos von Kahlen**. Permaneceu no Brasil e tornou-se vulto destacado da colonização alemã em São Lourenço do Sul, Cachoeira e Restinga Seca.

- 2º Ten Médico Dr. **Carl Riegnitz**. Demitido em 16 de agosto de 1855.

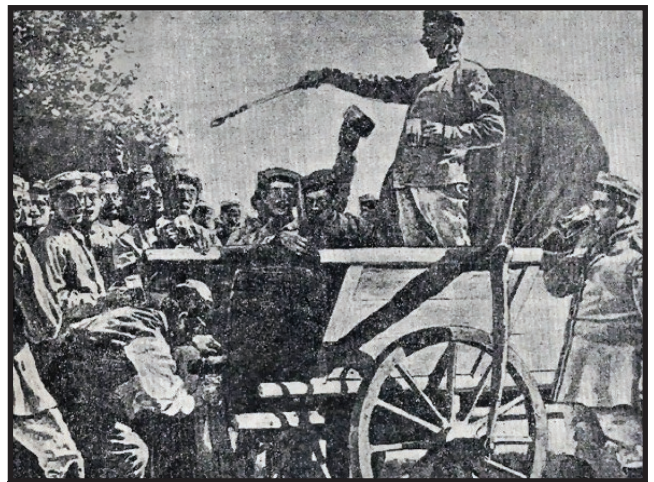
- Quartel-Mestre **Alexandre Klein**, que viveu em Hamburgo Velho até 1885.

Organização e Material

As duas companhias denominavam-se respectivamente de 'pontoneiros' e de 'trens'. A de pontoneiros compunha-se de 30 oficiais e 141 praças (efetivo existente). A de trens (ou equipagem) compunha-se de dois oficiais e 121 praças (efetivo existente) e era dotada com duas equipagens de pontes de 60 braças (do tipo BIRAGO), usadas pelo Exército Prussiano. Para transportar esse material a companhia de trens possuía 36 carroças austríacas de quatro rodas, tiradas a quatro cavalos cada, aptas para deslocar-se em estradas. Era o que de mais moderno havia na Europa na ocasião.

Chegada ao Brasil e Desembarque em Montevideu

Essas companhias e o material respectivo partiram de Hamburgo, Alemanha em 4, 18 e 26 de julho de 1851 a bordo dos veleiros "Freihandel", "Flyng-Duttchman" e "Mathilde" e chegaram no Rio de Janeiro, respectivamente, por volta dos dias 22 de agosto, 6 e 14 de setembro. O material não foi desembarcado, seguiu logo para Montevideu, ainda sob cerco de Manoel Oribe. Ainda em setembro, os sapadores desembarcaram naquele porto, então sitiado por terra, onde encontraram o equipamento Birago.



Carroça austríaca de 4 rodas tiradas a 4 cavalos. 36 delas fizeram parte das duas equipagens de pontes Birago adquiridas pelo Brasil para a guerra contra Oribe e Rosas 1851-1852 (Ilustração de Carl Röchling, História Universal dos Exércitos v. 3, p. 290)

Problemas em Montevideu

Essa tropa logo passaria por sérias dificuldades. O comandante Riesenfels, contratado para comandar os sapadores era de Infantaria. Os soldados, em sua maioria, não possuíam experiência na especialidade. Engajaram-se a serviço do Brasil por espírito de aventura e sem a preocupação de seleção rigorosa de parte do agenciador alemão, que recebia por homem engajado. Somente o Ten Emmerich e alguns soldados possuíam experiência com o material que, com o tempo, poderiam transmitir aos demais.

O Marquês de Caxias, tão logo teve ciência da chegada dos sapadores em Montevideu, determinou que seu comandante cerrasse sobre a Colônia do Sacramento.

Decepção de Caxias

Qual não foi a surpresa de Caxias ao saber que o comandante dos pontoneiros recusara cumprir sua ordem por absoluta impossibilidade material de fazê-lo, pelas seguintes razões:

- Os sapadores alemães haviam recebido cavalos e mulas xucras para tracionar as carretas austríacas e exigiriam algum tempo para serem amansadas.
- Não estavam habituados a montar cavalos xucros e amansá-los, coisa comum e normal na vida militar na Bacia do Prata.
- Dúvida se as carretas austríacas pudessem, mesmo com cavalos mansos, deslocar-se pelas campanhas uruguaias, através do campo. Em tais circunstâncias a tração indicada era a bovina, conforme a usou Mallet para tracionar uma artilharia para a Colônia de Sacramento, ocasião em que sua unidade ganhou o apelido de “Boi de Botas”.

A tração bovina permaneceu até a Guerra do Paraguai. O cavalo e o muar eram utilizados somente para mudança rápida de posição ou para o desembarque de peças. No desembarque em Passo da Pátria, Mallet tentou utilizar muares para o desembarque das peças dos navios da Marinha e eles empacaram na

prancha, obrigando a que as peças fossem desembarcadas e colocadas em posição ao braço.

Dissolução dos Pontoneiros

Desde a Europa houve tentativas inimigas de anular a contratação e mesmo a atuação dos mercenários alemães, principalmente após o fracasso das gestões de Rosas em contratar mercenários sicilianos. Na viagem, uma fração da Artilharia a bordo do “Heinrich” amotinou-se e tentou apresentar-se ao inimigo com navio, tripulação e mercenários, no que foram frustrados. Da concentração em Colônia, dois oficiais de Artilharia e de Pontoneiros desertaram para apresentar-se a Rosas, como foi o caso do tenente pontoneiro Malschitzke. À distância, a recusa de Riesenfels de cumprir ordens foi interpretada como sabotagem rosista.



Ponte de Equipagem Birago
lançada sobre o Rio Sena em Corbiel,
no final do século 19
(Ilustração de Carl Röchling, História
Universal dos Exércitos v. 3, p. 290)

Foi determinado que as equipagens fossem armazenadas em Montevideu e que os pontoneiros, em número de 180, seguissem por água até Colônia. Nesse local foram separados em grupos de cerca de 30 homens e incorporados aos 5º, 6º, 11º, 13º, 7º e 8º batalhões de Infantaria brasileiros e armados com seus fuzis orgânicos, ficando metade na Infantaria e metade nas tropas de serviços.

Participação na Batalha de Monte Caseros 2 Fevereiro 1852

Integrando essas unidades, remontaram o rio Paraná até Diamante, a bordo da Esquadra Brasileira ao Comando de Greenfel, após aquela forçar com êxito a passagem de Tonelero. O 7º e o 8º BI eram comandados, respectivamente, por dois oficiais de sangue europeu, o coronel Bruce, de origem sueca e o major Resin de origem suíça. O 8º BI era integrado por 80 infantes “Brummer”, hábeis no uso do fuzil Dreyse de agulha (a tigé, a alfinete), grande inovação introduzida nessa guerra, arma individual básica da unificação alemã e que teve atuação decisiva no rompimento da posição rosista em Caseros. Isto ilustra um exemplo de transferência de ‘know-how’ militar pelos “Brummer”.

Um desses sapadores, o Sgt Cristóvam Werner, tornou-se herói e foi citado na Ordem do Dia nº 40 de Caxias de 5 Fev 1852: “1º Sargento Prussiano

Cristóvam Werner, ferimento leve de bala de canhão”.

Reorganização e Transferência de “Know-How”

Após o término da guerra os pontoneiros retornaram ao Rio Grande do Sul como infantes, indo estacionar em Rio Pardo integrando o 15º Batalhão de Infantaria (prussiana). Neste local, foram ter as célebres equipagens BIRAGO. Em 20 Jan 1853 o Batalhão foi reorganizado ao comando do capitão Friedrich Pickart, assim permanecendo até 2 Out 1854, data da demissão deste.

Conforme livro existente no Arquivo Histórico do Exército sob o título: Assentamentos de praças do Rio Grande do Sul – 1851, que trata das alterações dos 65 praças dessa Companhia de Pontoneiros, há o registro dos seguintes oficiais: Capitão Friedrich Pickart, 1º Ten Maximiliano Emmerich, 1º Ten Ugo Uchermann e 2º Ten Carlos (Barão von Kahlden).

Passou a servir nos sapadores, para transferência de ‘know-how’, o 2º tenente do Corpo de Engenheiros do Exército Imperial Brasileiro Antônio Dias Carneiro, junto com 40 soldados brasileiros justapostos aos 25 pontoneiros alemães “Brummer”. Esta Companhia realizou exercícios em Rio Pardo, por cerca de dois anos, até o final de 1854 quando, presumimos, tenha sido extinta ao

final do contrato dos “Brummer” e o seu material tomado destino ignorado.

Na Guerra da Tríplice Aliança caberia ao antigo pontoneiro “Brummer” Maximiliano Emmerich organizar, instruir e comandar o Batalhão de Pontoneiros organizado no âmbito do 2º Corpo de Exército para atuar naquela guerra, integrado por muitos teuto-brasileiros do RS, unidade que teria a seu cargo, segundo cartas aos familiares do capitão Henrique José Barbosa, filho de Canguçu-RS “dinamitar as muralhas de Humaitá, sepultando-as nas águas do Paraguai.” O pontoneiro Emmerich

prosseguiu no Exército Brasileiro, onde prestou valiosos serviços, como se verá.

Organização do Batalhão de Pontoneiros

Em 7 Out 1865, na vila de Uruguaiana foi criado, pelo Conde de Porto Alegre, o Corpo de Pontoneiros. Para comandá-lo, o Conde nomeou o major Maximiliano Emmerich, antigo integrante das companhias de pontoneiros contratadas na Alemanha em 1851. Emmerich, desde 19 Dez 1860, era instrutor da Escola Militar no Rio de Janeiro,



Prussianos em combate, em 18 de agosto de 1870, provavelmente na Batalha de Gravelotte, Guerra Franco-Prussiana. (Ilustração de R. Knötel, Paul Kittel Historischer Verlag, Berlin)

onde durante quatro anos vinha transmitindo tecnologia prussiana de Topografia, Obras e Fortificações em Campanha e Serviços de Pontes e de Sapa, à mocidade militar brasileira. O corpo foi organizado a três companhias e integrado pelos seguintes oficiais:

- **1ª Cia. De Pontoneiros:** 2º tenente Antônio da Rocha Bezerra Cavalcanti e Carlos Eduardo Saulnier de Pierre-Levee.
- **2ª Cia de Sapadores:** 1º tenente Antônio Cândido Salazar e 2º tenente Emílio Carlos Jourdan, este ex-2º sargento do Batalhão de Engenheiros, belga de nascimento e mais tarde historiador da Guerra do Paraguai. Hoje, ele é consagrado patrono de cadeira na FAHIMTB e fundador da cidade de Jaraguá do Sul.²
- **3ª Cia de Faxineiros:** capitão José Maria Eduardo, tenente Thelesforo José da Silva Borges e os alferes Antônio Rafael Floquet e Pedro José de Lima. Esta organização foi referida na Ordem do Dia nº 32 de 1º Nov 1865.

Em São Borja, em 18 Fev 1866, atendendo proposta, foi criada a 4ª Companhia de Mineiros ao Batalhão de Pontoneiros, integrada pelos seguintes oficiais: capitão em comissão José Lopes Barros, tenente da Guarda Nacional Victoria José Centeno, 2º tenente Gustavo Adolfo Ferreira Fortes e o alferes Cândido Rodrigues Barros (OD 65, 18 Fev 1866 do 2º C EX).

O major Emmerich esteve pouco mais de 6 meses à frente do Batalhão de Pontoneiros. Foi exonerado em 6 de abril de 1866 do comando, continuando na condição de instrutor da unidade e membro da Comissão de Engenheiros do 2º Corpo de Exército, junto com o capitão Conrado Jacob Niemeyer. O major Emmerich foi citado por sua bravura nas ações de Curuzu e Curupaiti.

Pontoneiros Teuto-Brasileiros

O Batalhão de Pontoneiros foi integrado por diversos teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul, entre os quais cumpre mencionar:

- Dickel, Jacob - sargento.
- Ellvanger, Carlos - cabo.
- Engelmann, Nicolaus - 2º sargento, natural de Dois Irmãos.
- Falcony, Carl - 1º tenente, de Porto Alegre.
- Feiten, João - 2º sargento, de Dois Irmãos.
- Franzen, Jacob - capitão, de São José do Hortênsio.
- Hermann, Wilhelm - alferes.
- Kautzmann, Johann - 1º tenente, de Campo Bom.
- Lalling, Jerônimo - soldado.
- Laudier, Cristian - soldado.
- Maurer, Jaco - 2º sargento.
- Randow, Maximilian von - alferes.
- Spohr, Carlos - 2º tenente, de Dois Irmãos.

Atuação do Batalhão de Pontoneiros em Curuzu

Sintetizando parte de combate de seu comandante, o major de Estado-Maior de 1ª Classe Umbelino Alberto de Campo Limpo, os pontoneiros tiveram a atuação descrita a seguir. Desembarcaram às 13h de 2 Set 1866 e trabalharam uma hora no preparo da margem para o desembarque da Artilharia. A seguir, durante cinco horas, até anoitecer, trabalharam expostos à fuzilaria inimiga na construção de um fosso e parapeito ligeiros para abrigo da Infantaria e Artilharia, ao alcance do tiro de fuzil. Nesta ocasião, tombou morto em combate, o primeiro pontoneiro brasileiro, atingido por descarga inimiga. Era o Soldado Felix Primo do Nascimento. Das 2 h, até às 5 h do dia seguinte deram guarda junto com a Comissão de Engenharia às 5 peças de Artilharia. No outro dia, os pontoneiros



Infantaria prussiana em linha de tiro
(Ilustração de Carl Röchling, "Unser Heer")

combateram como Infantaria, cobrindo o flanco da Artilharia. Nessa ação foi ferido na mão por um projétil inimigo o pontoneiro Soldado Martinho José Ramos.

Atuação do Batalhão de Pontoneiros em Curupaiti

Sintetizando parte do combate do major Campo Limpo, a unidade constituída de 130 oficiais e 183 praças teve a seguinte atuação:

A Companhia de Pontoneiros conduziu munição de Infantaria dos navios da Marinha até a margem, onde eram guardadas pela Companhia de Mineiros em reserva. As companhias de Sapadores e Faxineiros, equipadas com foices, machadinhas, pás e picaretas, seguiram na esteira da Infantaria para apoiar trabalhos de sapa nas trincheiras inimigas. Entre os pontoneiros mortos e feridos nesta ação registre-se: Anspeçada Justino Francisco Correia, morto; Soldado Francisco Henrique da Silva; Tenente Secretário José Vieira de Souza, ferido; Mandador Theodoro. José da Silva; Soldado Pedro Vitoriano de Souza; Fernando José de Castro; Firmino Leopoldino; João Felipe da Silva; José Romão Moreira da Silva; Alfredo Nunes Viseu; Manoel José do Nascimento; Luiz Manoel Ferreira; Francisco Manoel; e José Horácio do Rosário.

Os Pontoneiros na Construção da Estrada do Chaco

A célebre estrada estratégica construída sobre o Chaco durante 23 dias, de 4 a 27 de outubro, numa extensão de 10.714 metros, sendo 2.930 metros estivados com 18.000 paus obtidos de 6.000 palmeiras “carandas”, e quatro pontes, sendo duas de cerca de 40 metros e duas em torno de 20 metros, teve o concurso decisivo de 1.407 bravos de uma ala do Batalhão de Engenheiros e de 327 do Corpo de Pontoneiros, sobre o qual recaiu a maior parte dos trabalhos dessa obra, orgulho de nossa Engenharia de Combate, que, além de abreviar a guerra, permitiu poupar-se milhares de vidas brasileiras.

Ao tenente Emílio Jourdan, à frente da Companhia de Sapadores, coube a glória da abertura de 6.950 metros de picadas para a implantação da estrada; e à Ala do Batalhão de Engenheiros, 1.650 metros. Ao tenente Lassance, à frente das companhias de Pontoneiros e Mineiros, coube a glória de construir as quatro pontes lançadas sobre a estrada do Chaco. A Companhia de Faxineiros cooperou com a Infantaria, Cavalaria e Artilharia na estiva dos trechos pantanosos da estrada e na limpeza de alguns arroios afluentes do Taquari. Ao Batalhão de Engenheiros coube desobstruir à navegação o arroio Villeta, coberto

de aguapés “em alguns locais tão entrelaçados ao ponto de sustentarem um homem em pé”.

Atuação do Corpo de Pontoneiros no Ataque à Posição de Piquiciri 21 Dezembro 1868

Essa atuação foi assim descrita na parte de combate de coman olks do Corpo, o major Felício Pais Ribeiro:

No assalto às trincheiras de Piquiciri, em 21 Dez 1868, coube ao Corpo de Pontoneiros ao meu comando um papel bem importante. Não somente executou trabalhos especializados sob a ação mortífera da metralha, como também teve de depor as ferramentas.

•

Notas:

1 Rezingões, de ‘rezingar’: resmungar, alterar (Dic. O Globo, 1993).

2 Nesta guerra combateu, na Artilharia de Mallet, Bernardino Bormann, herói da guerra e que foi o primeiro filho de imigrantes alemães a ser Chefe do Estado-Maior do Exército e Ministro da Guerra. Era filho de Porto Alegre. Foi ajudante de Ordens de Caxias.

Referências Bibliográficas:

AVÉ-LALLEMANT, Roberto. **Viagem pelo Sul do Brasil**, 1858. Rio: Inst. Nacional do Livro, 1953, v. 1, pp. 298-300.

BENTO, Claudio Moreira, Cel. **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: A Nação/DAC/SEC-RS, 1976.

(____). **História da 3ª Região Militar 1807-1889 e Antecedentes**. Porto Alegre: 3ª RM, 1994.

(____). **2002 – 175 anos da Batalha do Passo do Rosário**. Porto Alegre: Genesis/AHIMTB, 2002.

(____).et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Charrua**. Porto Alegre: Evangraf/AHIMTB/IHTRGS, 2007.

BECKER, Klaus. **Alemães e descendentes do RGS na Guerra do Paraguai**. Canoas: Ed. Hilgert, Cia. Filhos, 1968.

CAMINHA, Luiz Ernani Caminha Giorgis. **O Duque de Caxias Dia a Dia**. Porto Alegre: Evangraf, FAHIMTB e AHIMTB/RS, 2011.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO EXÉRCITO. Arquivo do Exército. Rio: Livro de assentamentos de praças do RGS, 1851.

CÉSAR, Guilhermino. **História da Literatura do RGS**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1971, 2a ed., pp. 247-256.

FRAGOSO, Tasso. **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o**

Paraguai. Rio de Janeiro: Bibliex, 1959. 5v (Rfr. Corpo de Pontoneiros – v. 4, pp. 66, 122, 176, 207, 221, 288, 292 e 30. V5, pp. 343, 338, 496).

JOURDAN. Emilio Carlos, tem cel Honorário. **Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Tip. Laemmert, 1890.

KLEIN, Alexandre. **Recordações dos primeiros tempos de colonização alemã do Brasil**. Porto Alegre: Deutsche wolksblatt nº 36-40, 1927.

KLINGER, Bertoldo, gen. **Notas à tradução de Die Brummer de Albert SINCH**. Rio de Janeiro: Defesa Nacional – Imprensa Militar, 1951 (Separata).

KOSERITZ, Carlos von. Da vida de soldado brasileiro. Koserife: deustcher olks Kalender. Porto Alegre: 1879.

LEMMERS, DRANFORTH, Fedor von. **Indole da Legião Alemã**. Boletim da Biblioteca Rio-Grandense. Rio Grande, 1943 (tradução de KLINGER, Bertoldo, gen e prefácio de CIDADE, F. De Paula, cel.)

LEMOS, Juvêncio Saldanha. **Os Mercenários do Imperador**. Porto Alegre: Palmarinca, 1993.

_____. **A Saga no Prata**. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2009.

ORDENS DO DIA. Segundo Corpo do Exército em Operações na República do Paraguai ao comando do Conde de Porto Alegre – Ten Gen Manoel Marques de Souza. Rio de Janeiro: Tip. De Francisco Alves de Souza. 1872. 2v (Referências aos pontoneiros no VI – pp. 112, 174, 226. V2 em Maximiliano Emerick pp. 184, 186, 364, 405, 406, 407, 542, 548; em Umbelino Campo Limpo – pp. 80, 166, 180, 182, 410, 300, 309, 359, 399, 419, 420, 545, 548; em

Joaquim da Silva Maia – pp. 88, 81, 145, 184, 185, 276, 328, 417, 481, 495, 542 e 581. Os nomes mencionados foram seus primeiros três comandantes até 30 Jun 1867).

PETRY, Leopoldo. **São Leopoldo**. São Leopoldo: Ed. Rotermond, 1964 v2, 2a ed.

PORTO, Aurélio. **O trabalho alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1939.

RAMBO, Balduino. **A imigração alemã**. Rio Grande Antigo. Canoas: Ed. Regional, 1956. V 1, pp. 77-1080.

SIBER, Eduard. **Retrospecto da Guerra contra Rosas e Oribe e vicissitudes das tropas alemãs a serviço do Brasil**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 78, parte 1a, 1915 (Tradução de CARVALHO, Alfredo de).

SCHMIDT, Alberto. **Os Brummer**. Defesa Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1951 (Separata).

TAUNAY, Visconde de. **Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil, (1800-1892)**. São Paulo: Melhoramentos, 1932. p. 25-26.

TAVARES, Aurélio Lira. **História da Arma de Engenharia**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1942. p. 92.

TITARA, Ladislau dos Santos. **Memórias do Grande Exército Aliado**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1950.

WIDERSPAHN, Henrique Oscar. **A Campanha de Utuizangó**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.



Gen Adhemar, Cmt Militar do Sudeste, 1º Presidente de Honra da AHIMTB/SP - Academia General Bertoldo Klinger, e o Cel Bento, Presidente da FAHIMTB, na solenidade da instalação da AHIMTB/São Paulo (Sorocaba) em 28 de maio de 2013

Sobre o Autor: O Cel Cláudio Moreira Bento é Historiador Militar e Jornalista. Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e da AHIMTB/Resende Marechal Mário Travassos, do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS), presidente Emérito fundador das Academias Resendense (ARDHIS) e Itatiaense (ACIDHIS) de História, acadêmico fundador da Academia Barra-mansense de História (ABH), correspondente do Instituto de Estudos Vale paraibanos (IEV), em Itatiaia, sócio dos institutos Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS).



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

